

DESIGN

# RADICAL LIVRE

NO CENTENÁRIO DE SEU NASCIMENTO, VERNER PANTON SEGUE RELEVANTE GRAÇAS A UMA OBRA QUE TENSIONOU E AMPLIOU OS LIMITES DO DESIGN ESCANDINAVO **TEXTO** WINNIE BASTIAN

Detalhe da silhueta inconfundível da cadeira Panton



Copyright Verner Pantan Design AG

“PREFIRO UM EXPERIMENTO MENOS BEM-SUCEDIDO A UMA BANALIDADE BELA.” A frase de Verner Pantan (1926-1998), citada no livro *Pantan: Environments, Colours, Systems, Patterns*, de Ida Engholm e Anders Michelsen (Strandberg Publishing), sintetiza o espírito inquieto que marca a trajetória do dinamarquês. Sua peça mais emblemática, a Pantan Chair, nasceu justamente desse impulso experimental – e da obstinação de um designer que insistiu em torná-la viável quando a indústria ainda hesitava. Se há algo que sua obra nunca foi, é banal: as criações expressivas e pouco ortodoxas trouxeram novos ares ao design de seu país.

Nascido em 1926 na ilha de Funen, Dinamarca, Pantan estudou na Universidade Técnica de Odense antes de se formar arquiteto pela Real Academia Dinamarquesa de Belas Artes em 1951. Trabalhou no escritório de Arne Jacobsen entre 1950 e 1952, experiência decisiva para sua formação. “Com Jacobsen, Pantan aprendeu, acima de tudo, a pensar em termos de ambiente, de imagens coordenadas, de

relações e referências entre objetos e espaço”, observa Enrico Morteo no *Grande Atlante del Design* (Electa). Mas havia uma diferença importante: “Se o olhar de Jacobsen ainda buscava mediação entre tradição e modernidade, o de Pantan estava inteiramente voltado para o futuro”.

Enquanto o design escandinavo era pautado principalmente por processos artesanais e uso intenso da madeira, Pantan partiu pelo caminho oposto, buscando aproximar-se da indústria e dos materiais artificiais. Não foi uma ruptura absoluta, porém: a historiadora do design, pesquisadora e professora Ethel Leon aponta que “o uso da cor e a experimentação formal já estavam em curso na Escandinávia, inclusive com o próprio Jacobsen. O que Pantan faz é radicalizar esse movimento, intensificando-o ao extremo”. Ethel lembra que, nessa época, os materiais artificiais deixaram de tentar mimetizar os naturais e passaram a afirmar sua própria linguagem, em diálogo direto com a indústria química e com os novos processos de moldagem do pós-guerra.



Marianne e Verner Pantan, nas cadeiras Cone; à dir., edição especial da cadeira Cone Heart, pela Vitra, em homenagem ao centenário; e, abaixo, restaurante da editora da revista alemã *Der Spiegel*. Na pág. anterior, interior do restaurante Varna, em Aarhus

Copyright Verner Pantan Design AG



**1926** Nasce em 13 de fevereiro na ilha de Funen, Dinamarca

**1947-1951** Conclui os estudos de arquitetura na Real Academia de Belas Artes de Copenhague

**1950-1952** Trabalha no escritório do renomado arquiteto e designer dinamarquês Arne Jacobsen

**1955** Lançamento da cadeira Bachelor, pela Fritz Hansen, primeiro móvel de Pantan a ser produzido em série

**1958** Ampliação e interiores do restaurante da pousada Kom-Igen, em Funen, para o qual também criou a cadeira Cone

**1961** Luminária Moon é lançada pela Louis Poulsen (reeditada pela Verpan desde 2007)

**1963** Mudança para a Basileia, na Suíça, e início da colaboração com a Vitra no desenvolvimento da Pantan Chair

**1964** As luminárias Shell são exibidas pela primeira vez em Frankfurt; as Flying Chairs causam sensação na Feira de Móveis de Colônia



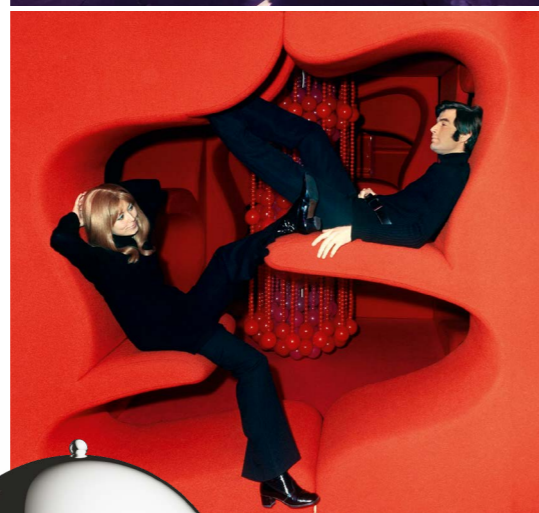
# DESIGN

Esse vínculo com a produção industrial é central na obra do designer. A trajetória da S-Chair (1956), em compensado, que evoluiu para a Panton Chair, é um ótimo exemplo. Durante anos, Panton insistiu na ideia de uma cadeira cantilever, moldada numa única peça de polímero. George Nelson, então diretor de design da Herman Miller, duvidou da viabilidade do projeto – faltavam materiais adequados. Foi a colaboração com a Vitra, especialmente com Rolf Fehlbaum, e o avanço das resinas da Bayer que viabilizaram, em 1967, depois de anos de pesquisa intensa, a produção seriada da peça. A Panton Chair não é apenas um ícone formal: é também inovação construtiva. Em 1999 a Vitra editou a peça numa versão em polipropileno, aproximando-a do ideal de produto acessível que o designer perseguia.

Mas reduzi-lo à sua cadeira mais celebrada – e copiada – seria limitado demais. Desde a expansão da pousada Kom-Igen (1958), administrada por seu pai, também proprietário do negócio, no município dinamarquês de North Funen, Panton ensaiou o “design total”, criando tanto a nova ala do edifício quanto seus interiores e móveis – é nesse projeto que ele apresenta as cadeiras Cone (que depois dariam origem às igualmente conhecidas cadeiras Heart Cone). Uma ideia de ocupação vertical do espaço já se anunciava nas Flying Chairs (1964), lançadas na Feira de Móveis de Colônia, na Alemanha, e depois seria levada ao limite na Living Tower (1968), um assento-escultura que permitia múltiplas posturas e transformava o móvel em microarquitetura.

A dimensão ambiental do trabalho de Panton alcançou seu ápice nas instalações *Visiona 0* (1968) e *Visiona 2* (1970), criadas por encomenda da Bayer e apresentadas dentro de um barco em paralelo à Feira de Colônia. Eram interiores imersivos, labirínticos, saturados de cor (e muitas vezes com o uso de estampas geométricas), nos quais piso, paredes, teto e mobiliário se fundiam em uma espécie de paisagem artificial psicodélica. A mesma lógica atravessava os ambientes da editora da revista alemã *Der Spiegel*, em Hamburgo, e o restaurante Varna, na cidade dinamarquesa de Aarhus, que se destacavam pelas zonas cromáticas vibrantes e pelos tetos tridimensionais. Ali, o local deixava de ser cenário para se tornar experiência física.

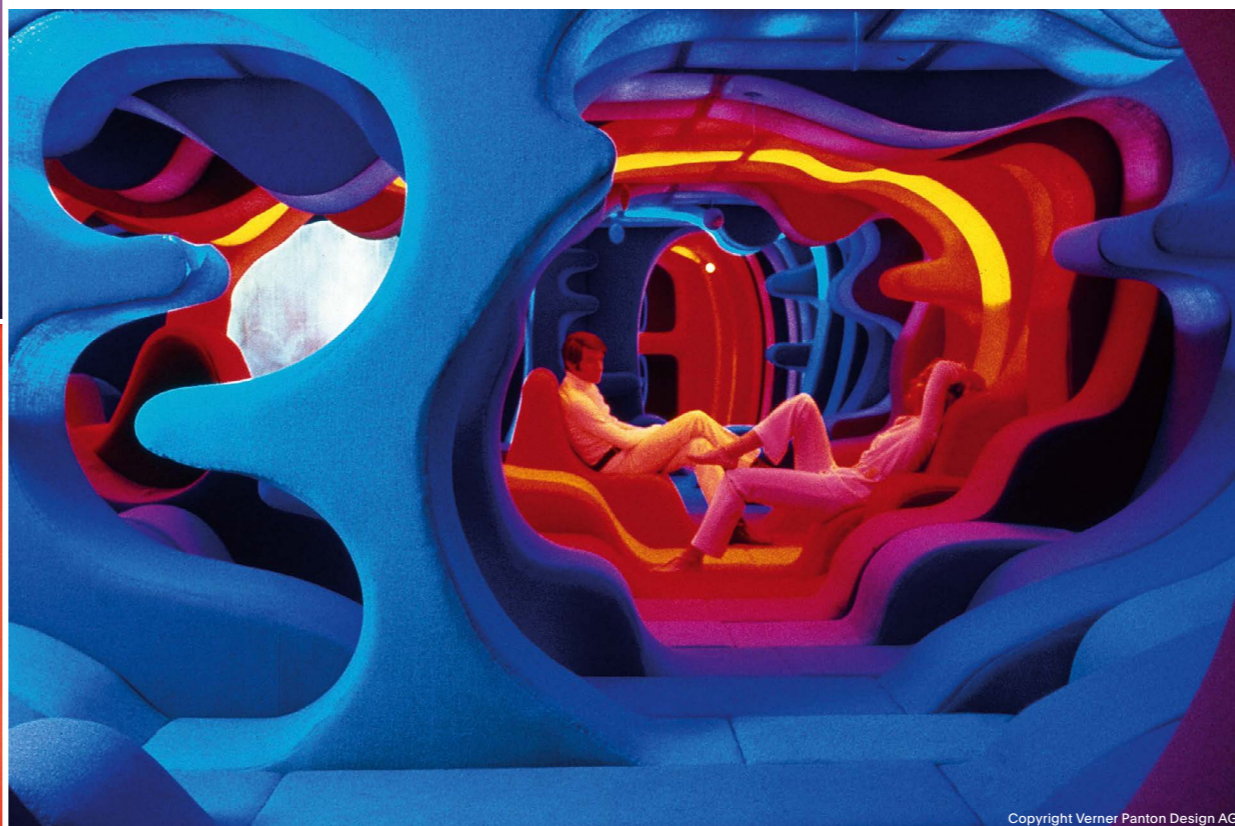
Se por um lado essa abordagem se distanciava do padrão do design escandinavo da época, por outro se conectava perfeitamente ao clima cultural dos anos 1960, permeado pela contracultura e pelo questionamento das normas comportamentais. Nesse contexto, Panton propunha não apenas novas formas e cores intensas para o mobiliário e os interiores, mas novas maneiras de ocupá-los.



À esq., luminária Panthella, lançada pela Louis Poulsen em 1971 e produzida até hoje; acima, detalhe do assento-escultura Living Tower, de 1968; no alto, o Multifunctional Living Unit, de 1966; acima, à dir., instalação *Visiona 2* (1970), que dissolveu os limites entre mobiliário e arquitetura; e, à dir., as Flying Chairs, de 1964. Na pág. seguinte, luminária Moon e cadeiras System 1-2-3

Sua última grande instalação, *Light and Color* (1998), no Trapholt Museum for Modern Art and Design, em Kolding, Dinamarca, conduzia o visitante por oito salas monocromáticas, cada uma explorando o impacto físico e emocional da cor. Um desfecho coerente para quem passou a vida combatendo a “conformidade branco e bege”, como gostava de dizer.

Cem anos após seu nascimento, a obra de Verner Panton segue atual não só pelo vigor formal, mas pela coragem de tensionar os limites entre indústria e experimentação, objeto e ambiente, forma e comportamento. Seu legado vai bem além de uma cadeira icônica: é a afirmação da experimentação como método e da ousadia como princípio. ●



Fotos: Fritz Reiss/Picture Alliance via Getty Images (Living Tower), Ohh!!!/Unsplash (restaurante da editora da revista alemã Der Spiegel), Roland Witschel/Picture Alliance via Getty Images (Flying Chairs) e divulgação



**1965** A Thonet lança a S-Chair (modelo 275), primeira peça em balanço concebida por Panton com madeira compensada curvada em 1956

**1967** Após anos de desenvolvimento, a Panton Chair é lançada pela Vitra, produzida em poliéster reforçado com fibra de vidro – em 1999, a empresa faz uma nova versão em polipropileno

**1970** Mostra imersiva *Visiona 2*, para a Bayer, na Feira de Móveis de Colônia; redesign do restaurante Varna em Aarhus

**1977** Lançamento da linha de assentos System 1-2-3 pela Fritz Hansen (hoje produzida pela Verpan)

**1984** O Circus Building em Copenhague é reformado conforme projeto de interiores de Panton para todas as áreas comuns

**1998** Recebe, da rainha da Dinamarca, a Cruz de Cavaleiro da Ordem de Dannebrog. Morre em Copenhague em 5 de setembro, aos 72 anos

**2026** Em comemoração ao centenário, o Vitra Design Museum prepara a mostra *Verner Panton: Form, Colour, Space*, que ficará em cartaz de 23 de maio a 09 de maio de 2027

